

EU SOU NORMAL? DISCURSO E CORPO NA REVISTA VEJA

Cássia Dias do Carmo^{*}
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
cassiad16@yahoo.com.br

Nilton Milanez^{**}
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
niltonmilanez@hotmail.com

RESUMO

Este estudo mostra a construção de sujeitos que se constituem a partir de técnicas de remodelagem do corpo no interior das clínicas médicas. O *corpus* é a revista *Veja*, que propõe em seu discurso a construção de sentidos a respeito da constituição do sujeito histórico e seu corpo. Destacamos, assim, que o corpo ocupa um domínio de memória que pode ser recuperado historicamente por meio das revistas e na inter-relação entre seus elementos constitutivos, remetendo-nos a reinvenção de identidades. Analisaremos a forma de transmissão desse discurso (no caso, a reportagem), que traduz e até mesmo reformula o discurso da clínica.

PALAVRAS-CHAVE: Corpo. Discurso clínico. Mídia. (A)normalidade.

INTRODUÇÃO

O corpo tem assumido centralidade na forma dos indivíduos se relacionarem com o mundo: o ser humano adquiriu uma forte tendência de se auto-exaltar e valorizar exageradamente seu próprio corpo buscando várias formas de reestruturação deste para torná-lo belo, perfeito. Ao mesmo

^{*} Trabalho vinculado ao Projeto de Pesquisa "Corpo e discurso: lugares de memória das identidades brasileiras na mídia e na literatura", coordenado pelo professor Dr. Nilton Milanez.

^{**} Aluno do Curso de Comunicação Social/Jornalismo, 4º semestre. Discente voluntária no projeto de pesquisa supracitado.

^{***} Doutor em Lingüística/Análise do Discurso. Professor do Departamento de Estudos Lingüísticos e Literários da UESB.

tempo a mídia tem definido e problematizado a questão da identidade do homem. O jogo discursivo, portanto, que permeia a relação do corpo com a revista, por exemplo, marca nossa constituição enquanto leitores e homens contemporâneos.

Este trabalho pretende pensar a maneira como a revista *Veja* trabalha na construção de sujeitos e suas identidades em nossa sociedade. Discutirei, portanto, a questão da (a)normalidade e sua inscrição nos sujeitos envolvidos no discurso midiático, discurso esse que influi na configuração dos modos de ser/pensar/agir dos sujeitos leitores e de seus corpos. A fundamentação teórica reside na teoria da Análise do Discurso, de origem francesa e desenvolvida no Brasil. Partindo também das propostas de Michel Foucault são usados os conceitos de enunciado, efeitos de sentido, discurso e sujeito para compreender as representações e encadeamentos de sentidos presentes na narrativa da revista *Veja*. O objetivo primordial é analisar a maneira como a revista apresenta as questões da (a)normalidade e da construção da identidade e suas inscrições nos corpos dos sujeitos envolvidos no discurso midiático; esse discurso entendido como participante na configuração dos modos de ser/pensar/agir dos sujeitos leitores e de seus corpos.

MATERIAL E MÉTODOS

A discursividade dos corpos é apresentada na mídia impressa que os faz assumir caráter e identidade em suas páginas. Para o exercício da observação dessa prática, tomo como exemplo a revista *Veja*, uma revista brasileira de periodicidade semanal - que traz em seu corpo discursos e práticas de linguagem que carregam consigo elementos sociais e ideológicos, exteriores à língua, porém dependentes dela para sua existência material, que concernem à política, economia, sociedade, saúde, ciência entre outros. Focalizarei aqui a reportagem veiculada na revista em 29-05-2002, na editoria Geral/Beleza, edição 1753,

intitulada: “Faça o que eu faço”. O subtítulo da reportagem é “Médicos da área estética são vitrines dos tratamentos que receitam a seus pacientes”, ou seja, há um convite a ser igual ao médico, tão perfeito quanto ele.

O discurso, como aponta Foucault (2002), é composto de vários enunciados. À existência do enunciado por sua vez, está inerente a existência de um sujeito – que não é necessariamente quem o pronuncia – mas que ocupa uma posição no discurso.

Enunciados são categorias de expressão que não se reduzem à língua; fazem parte de um conjunto de enunciados, “desempenhando um papel no meio dos outros, neles se apoiando e neles se distinguindo”. São ligados a atos de formulação pelos quais os enunciados têm existência sempre com “margens povoadas de outros enunciados” (FOUCAULT, 2002). No discurso dessa reportagem, os corpos de médicos esteticistas são apresentados como modelos a serem seguidos; sua reconstrução que os tornaram corpos perfeitos e objetos de desejo é moldada pelos bisturis que eles mesmos podem manipular também em outros corpos. A relação sujeito, leitor e discurso midiático estabelece um processo de troca onde o leitor adquire as percepções de corpo engendradas pelo discurso – da revista - e este por sua vez é construído pelas visões de mundo das pessoas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para Milanez (2004), a revista é “um dispositivo de construção de identidades, porque ela serve à recriação de uma identidade que caracteriza uma experiência de alteridade para os leitores”. Dessa forma, podemos afirmar que o discurso de *Veja* representa uma espécie de troca discursiva com o sujeito leitor e introduz em sua vivência novos conceitos. Sujeito, como explica Foucault, é resultado da história.

Para assinalar a posição do sujeito discursivo nessa matéria jornalística devemos levar em consideração duas “espécies” deste:

aquele que pronuncia o enunciado e aquele que é interlocutor da enunciação. Ambos “têm existência em um espaço social e ideológico em um dado momento da história. [...] cuja voz é constituída de um conjunto de vozes sociais” (FERNANDES, 2007). Assim, fala através da reportagem jornalística não o repórter, tampouco a revista como meio de comunicação, mas a instituição clínica em si, caracterizada pela figura dos médicos. Recebe a informação, não um sujeito individualizado, mas um que está inserido numa conjuntura sócio-histórico-ideológica.

O texto da reportagem mostra: “Mais além da pura vaidade, a testa sem uma linhazinha sequer e os lábios explosivos funcionam nos médicos como vitrines para atrair clientes, num país onde a vaidade tem enorme poder de fogo”. Esse é um enunciado permeado pelos interesses do sujeito “clínica” - criar a ilusão de doença para aqueles que não obtêm o corpo perfeito parecido com o dos médicos esteticistas que usam os seus próprios corpos como promoção de sua prática. A criação da patologia, como explica Foucault, tratando de clínicas psiquiátricas, se deu por muito tempo condicionada aos próprios médicos: eles mesmos produziam a loucura. A anormalidade, prefigurada no corpo não perfeito (fora da norma), é nessa reportagem de certa forma produzida pelo poder do médico - sustentado aqui pelo discurso da revista. O indivíduo considera sua situação como patológica em determinado sentido por estar fora do nível da normalidade. O indivíduo é capaz de perceber e atentar-se para uma “anormalidade” preexistente, no entanto virtual, que antes não configurava incômodo, mas no entrelaçamento com o discurso midiático pode passar a adquirir concepções diversas. O discurso produz o efeito de sentido que é necessariamente marcado pelo lugar socioideológico do sujeito que emprega a palavra. Afinal, os efeitos de sentido são “produzidos face aos lugares ocupados pelos sujeitos em interlocução” (FERNANDES 2007).

Puttini (2007) explica que Canguilhem define o “uso ambíguo que se faz do termo normal, geralmente dedutível para o uso do conceito de

patológico, ambos conceitos comprometidos numa falácia, usada ora como atividade técnica, ora como atividade científica na medicina”. Assim, a clínica é apresentada em *Veja* como um recurso infalível para a cura dessa anormalidade arquitetada. Dessa forma, como aponta Milanez (2004), “a revista suscita a constituição de corpos modelares e de objetos desejáveis, uma verdadeira *máquina imperial* sobre a qual pensamos a maneira e as forças que produzem tanto a realidade social quanto suas subjetividades”.

CONCLUSÕES

O discurso (feito de enunciados e produzido por sujeitos) da revista *Veja* pondera uma criação de doença e anormalidade, e as apresenta como perfeitamente “curáveis” pela clínica. O sujeito prefigurado na imagem do médico é exemplo de perfeição/normalidade e ao mesmo tempo método de alcance dessa mesma perfeição. O enunciado da reportagem, através do qual a clínica pronuncia seus saberes técnicos e científicos, fornece as bases para sua auto-afirmação e para expansão de uma falácia patológica.

REFERÊNCIAS

- FERNANDES, C. A. **Análise do Discurso: reflexões introdutórias**. São Carlos: Claraluz, 2007
- FOUCAULT, M. **A Arqueologia do Saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.
- MILANEZ, N. A disciplinaridade dos corpos: o sentido em revista. In: SARGENTINI, Vanice & NAVARRO-BARBOSA, Pedro (Org.). **M. Foucault e os domínios da linguagem: discurso, poder subjetividades**. São Carlos: Claraluz, 2004.
- PUTINNI, R. **O Normal e o Patológico e a epistemologia das ciências da vida e da saúde em Georges Canguilhem: uma opção transdisciplinar?** Disponível em: <http://www.redebrasileiradetransdisciplinaridade.net/file.php/1/Artigos_dos_membros_da_Rede/Trabalhos_apresentados_no_II_Congresso_Mundial/Artigo_Rodolfo_Puttin>doc Acesso em: 28/08/2007.